

EU & LIVROS

O diário do pai e o filho escritor

Cristóvão Tezza constrói tramas paralelas sobre sua formação. Por *Cadão Volpato*, para o Valor, de São Paulo



Visita ao pai
Cristóvão Tezza
Companhia das Letras, 448 págs., R\$ 64,90

Meticuloso, buscando como um detetive os traços comuns ao pai, Cristóvão Tezza acaba de publicar aquele que talvez seja o seu livro mais intimista. Ainda que as pistas deem conta de outras investidas do autor numa obra extensa — 28 livros, entre romances, contos, ensaios e crônicas —, este “Visita ao pai” reapresenta o escritor, às voltas com as pegadas de um membro da família que desapareceu há muitos anos, mais exatamente em 1959, vítima de um acidente bobo com uma lambreta. O pai de Tezza deixou como rastro um conjunto de 26 cadernos de capa dura, com anotações precisas sobre minúcias do dia a dia. Tudo começou a entrar nas páginas desses cadernos em fevereiro de 1931, o ano em que João Batista Tezza entrou no Exército como soldado em Florianópolis. Tinha 20 anos na época. E as anotações persistiram dia após dia até a semana em que ocorreu o acidente mortal. Nenhuma vida de nenhuma pessoa seria tão interessante assim. Em geral, diários são tediosos, a não ser quando a vida e as contradições saltam deles sem filtro. Para o próprio Tezza, aquelas brochuras todas não pareciam ter nenhum atrativo, enquanto mudavam de mãos na família. Quando, por fim, chegaram até ele para ficar, foram en-



RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO

O atrito entre duas vidas faz do romance de Cristóvão Tezza uma busca existencial que ganha até algumas pinceladas de suspense

costadas, sem que o escritor vislumbrasse ali qualquer apelo literário. Ao lê-las no livro, a seco, do jeito que foram escritas, com erros e grafia da época, entendemos o desinteresse do escritor. “São anotações de um tabelião de si mesmo mantendo uma compulsão infantil de arquivista”, escreve o filho. É por aí mesmo: tédio por toda parte, anotações de um fantasma. Mas o que as torna interessantes é justamente o toque do autor, que traça duas tramas paralelas, o caminho monótono do pai em contraponto com as descobertas do filho escritor. O atrito dessas duas vidas — e também o encontro possível das duas personalidades, os traços de um em outro — é que faz do romance uma busca existencial que ganha até algumas pinceladas de suspense. De iletrado a advogado, saindo do interior de Santa Catarina para a capital provinciana, ainda assim melhor do que nada, João Batista é o clássico indivíduo que se constrói por sua pró-

pria conta e risco, com todos os percalços e descobertas anotados minuciosamente. É um homem que cresce na ditadura Vargas e que, portanto, mal entrou na democracia. O filho, nascido em 1952, também só foi conhecer a democracia muitos e muitos anos depois. É esse Cristóvão Tezza, enredado pelas grandes transformações do mundo nos anos de 1960 e 70, que batalha para traçar o próprio caminho, começando por ambições que também ecoavam na história do pai. Possuir uma máquina de escrever, por exemplo, seria mais do que um símbolo, mas uma tomada de posição para alguém que sonhava com a expressão escrita. E sair de casa para viver a própria vida seria outra dessas mudanças comuns, algo que moveria com toda força os pensamentos de pai e filho quando jovens. Para o Tezza escritor, significou se ligar a uma comunidade artística que girava ao redor de Wilson Rio Apa

(1925-2016), ele mesmo um tipo de artista aventureiro, jornalista e dramaturgo nascido em São Paulo e radicado em Florianópolis, com uma forte influência sobre a juventude local, cheio de ideias anarquistas espelhadas na cabeça do jovem Tezza. De tal forma que a sombra de Rio Apa enquanto guru se espraia em outros livros do autor, quase sempre vista com uma certa ironia melancólica. Uma longa conversa entre mestre e pupilo, ocorrida numa viagem de carro, ajudou a dar uma força para o destino do escritor. Tudo parte dessa profunda investigação familiar que une um pai e um filho que mal tiveram tempo de se conhecer. São mais de 400 páginas entre um e outro destino. Há um paralelo meio evidente com o livro mais importante de Tezza, “O filho eterno” (2007), cuja escrita exigiu decisões importantes em termos de voz narrativa. Para contar uma história verdadeira de uma relação entre um pai e um filho com síndrome de Down, Tezza teve que se haver com as dificuldades de uma criação baseada na confissão de erros, acertos, aprendizados e dificuldades que a maior parte dos leitores desconhecia em sua carreira — ele que havia criado um universo tão próprio de narrativa e imaginação. O livro foi um sucesso estrondoso de público e crítica. Nunca se sabe o que vai acontecer com um fruto da nossa imaginação, mas o fato é que este “Visita ao pai” parece estender um pouco mais a linha de pensamento que surge no “Filho eterno”, ainda que este tenha sido escrito na terceira pessoa do singular e o novo livro, em primeira pessoa. São, mesmo assim, duas vozes que conseguem se comunicar.

Lançamentos



Política dos algoritmos
Ricardo F. Mendonça, Fernando Filgueiras e Virgílio Almeida
Ubu, 320 págs., R\$ 89,90

Com a disseminação da inteligência artificial, sistemas algorítmicos são capazes de moldar normas, rotinas e estruturas sociais e políticas. Os autores deste livro propõem compreender os algoritmos não só como ferramentas técnicas,



O mundo que as confinava
Sylvia Townsend Warner. Trad.: Fábio Bonillo
Fósforo, 448 págs., R\$ 119,90

Neste romance de 1948, a escritora inglesa se volta para a vida em conventos do século XIV. Warner se afasta da narrativa tradicional para descrever, com alguma ironia, a rotina das freiras, suas disputas e frustrações. O livro abor-